



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral de Trabalho *
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. - Tel. - Lisboa - Telefone: 1

Officinas de impressão - Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UM GRANDE MOVIMENTO DE OPINIÃO

O proletariado da capital ante os sórdidos senhores

O movimento contra a ganância dos senhores, pela União dos Sindicatos Operários de Lisboa promovido, vacilando muito de dia a dia, tendo-se realizado algumas sessões de protesto em que a alma popular vibrou indignadamente contra o procedimento dos detentores dos pardiões humildes onde a classe trabalhadora se alberga. Vai-se o movimento enraizando, aumentando de extensão de dia para dia, sendo quasi certo que o comício a efectuar na próxima quinta-feira revestirá uma extraordinária importância. O contrário é que seria para admirar. O povo de Lisboa está, de há muitos anos, habituado a seguir o seu clamoroso protesto contra as expoliações de que é vítima e neste momento, em que uma expolição de que não há memória se trama na sombra, certamente que hesitação não terá em, acedendo ao convite dos sindicatos desta capital feita, não só protestar contra os senhores, mas ainda estudar maneiras mais práticas de lhes cortar as arras adunas.

Sessão de ontem na Carris de Ferro - E' lançada a ideia da paralisação no dia do comício

Na sede da Associação dos Empregados da Companhia Carris de Ferro realizou-se, ontem, pelas 21 horas, uma sessão de protesto contra o pretendido aumento das rendas de casas.

Falou em primeiro lugar Manuel Soares, delegado da Federação da Construção Civil, que se esplanou em considerações sobre a enorme carestia da vida, pondo em relevo a miséria que atualmente atravessa a classe proletária, em contraste com o espantoso lucro daqueles que a custa dos trabalhadores vivem. Lembra ser necessária a solidariedade de todos para se poder conseguir obter o que tem descaradamente roubado, lamentando que a classe trabalhadora, não tendo a compreensão dos seus deveres, atraíam para si mesmas as consequências das suas ações. Depois, a preparação dos trabalhadores portugueses, a unificação de todos, para a conquista dos direitos postergados.

Luís, delegado da Associação Classe dos Fabricantes de Armas, falou sobre as rendas de casas, e é necessário que a organização operária o mais rapidamente possível se oponha a tal situação. Julga ser moroso o que se está fazendo, pois torna-se urgente uma barreira ao projecto dos proprietários. Apela para que o operariado não falte na sua totalidade, ao grande comício público que em breve se realizará. Depois de várias considerações finais, apresenta a seguinte moção:

Os trabalhadores se reúnem na Associação Carris de Ferro de Lisboa, considerando que está em iminência um novo aumento dos preços das habitações, e resolvem:

1.º - Que todo o seu apoio moral e material ao movimento que a U. S. O. julga conveniente levar a prática no sentido de que sejam impossibilitados os detentores da propriedade de nos fustigar com um novo aumento; 2.º - Que se resolva dar o seu incondicional apoio a qualquer movimento de estandarte de futuro regularização do aluguer da habitação, considerando os gêneros de primeira necessidade, tendo em conta o primeiro movimento em que o mais imediato e afluente, posto em prática, se encontra também tendo em conta os sub-alugueres.

Bernardino dos Santos, da U. S. O., demonstra que um dos principais motivos da subida das rendas de casa é a ganância dos senhores e a de muitos trabalhadores oferecerem quantias esmagadoras pelas habitações, sendo sem dúvida esta falta de consciência do povo um dos principais factores da actual situação dos senhores. Esclarece a situação da U. S. O. neste caso e que em certas ocasiões tem vindo a público na Atalaia, a propósito de várias afirmações feitas sem razão de ser, julga o povo não só das habitações como outras tão complexas que não acha outro meio para as realizar, a não ser uma transformação completa e radical da sociedade. Só assim tudo entrará nos seus direitos e que tem jús. Para se conseguir tal desiderato torna-se preciso o estudo profundo da questão social e a unificação de todos. Alarga-se em diversas considerações, afirmando que pela greve do inquilinato, algo que se poderá conseguir. Faz um apelo à solidariedade de todas as classes para que o próximo movimento seja uma demonstração de força dos proletários tantas vezes espoliados. Sendo a culpa de todos os males em grande parte do próprio povo, é este deve criar a sua consciência para se saber impôr aos que nos exploram.

Francisco Direitinho entende que esta questão não está bem posta, pois o operariado não deve protestar contra o aumento das rendas de casa, mas sim conseguir a demolição de todas as espoliações, a que dão o nome de casas, e as doenças que admirável campo de acção. Acha muito cedo para a realização do comício, sem estar bem esclarecida a questão e sem as classes operárias se interessarem devidamente por tal grave assunto. Vê com desprazer que a população de Lisboa não se

tenha incomodado com este caso, não achando, portanto, o momento azado para o movimento, pois pode resultar um fracasso. A assembleia protesta com apertadas contra tais afirmações, não achando justa a exposição do orador, porque o operariado quer que o protesto se faça.

Trata de movimentos transaccões, para afirmar as suas asserções. O delegado do S. U. M. protesta por o orador estar fora do assunto.

Novamente fala Bernardino dos Santos, que protesta contra a propaganda dissolvente de Direitinho. Admira-se que o revolucionário de ontem viesse para esta assembleia com tais afirmações. Sobre o procedimento da imprensa burguesa nos movimentos passados, diz que foi a causa da organização de A. Batalha.

Carlos Vicente, da U. S. O., protesta contra a propaganda dissolvente que vem prejudicar a organização. Está convencido que querendo os trabalhadores a vitória será certa. Apela para a consciência de todos e já que as classes dominantes pretendem agravar a situação do povo, responda-se-lhes como convém. Os fracassos passados são uma lição para o próximo movimento, sendo necessário que todos se capacitem de que só pela força de todos podemos conseguir que desejamos.

Júlio Luís apresenta a seguinte declaração:

Como o tempo urge e a sessão já vai longa, julgo de meu dever e como salvaguarda dos princípios que preconizo e defendo, declarar:

1.º - Que foi, através de todos os tempos, a minoria sindicalizada quem conseguiu firmar a vantagem da sindicalização para benefício comum;

2.º - Que tem sido, e continuam sendo, as minorias quem tem impedido o progresso das maiorias, bem como a radicalização dos ideais emancipadores;

3.º - Que lamento profundamente o incidente levantado, que julga de particular importância, tanto mais que foi sugerido entre sinceros e desinteressados militantes. Terminando fazendo votos pelo bem objetivo, que todos desejamos, dos nossos objectivos.

Júlio de Matos, da S. A. M., entende que a U. S. O. não tentaria um movimento sem que tivesse a certeza do seu bom êxito, protestando por isso contra a propaganda dissolvente de Direitinho. Se acaso o comício for proibido, a massa trabalhadora deve impôr-se com toda a sua consciência contra essa opressão. Lembra que os presentes sejam o porta-voz para que ninguém falte ao comício próximo.

António Rodrigues Graça indigna-se contra as palavras de Direitinho. Exige-se agora de todo o povo, de todas as classes, que não paguem as rendas de casas aumentadas, sendo pois um benefício para todos e por isso todos se devem interessar por tal momento-susceptível.

O governo, para tapar a boca ao povo, que vai despertando, publicou uma nota ofensiva dizendo que não seriam aumentadas as rendas, mas os senhores, manhosamente, vão-nas aumentando com a complicitade do governo.

Protesta contra os inquilinos-senhores, que não também dos pobres elementos neste caso. Não deve ser o não pagar-se o aumento pretendido, mas deve também exigir-se a baixa nas actuais rendas. Aqueles que dizem que o trabalho da comissão não está em condições de viabilidade, que apresentem outro mais exequível, pois esse trabalho não é imposto a ninguém, e só no comício público ele deverá ser aprovado ou reprovado, e o que ali se resolver deve ser levado à prática.

Nesta altura é lida novamente a moção, referindo-se a ela Carlos Fortes, delegado da Carris de U. S. O., apelando para que todos os seus camaradas presentes saibam cumprir o seu dever quando aquele organismo determinar, e nesta sessão se resolver. Refere-se ao trabalho apresentado pela comissão que trata deste assunto e acha bom, bem como as restantes organizações que na devida oportunidade o aprovaram em princípio, sendo necessário que todos acatem as resoluções do comício.

António da Silva, da Carris, fazendo considerações sobre a acção da sua classe em movimentos anteriores, diz-lhe agradado que à associação a que pertence tivessem vindo bons elementos da organização operária, pois bem precisa se torna a propaganda neste meio, afirmando no entanto a sua classe já ter uma consciência para poder enfileirar ao lado das restantes classes. Acha bom o trabalho apresentado pela comissão, pois o julga o mais consentâneo com o que todos desejam.

A seguir foi lida a moção do camarada Júlio Luís, que foi aprovada por aclamação, assim como também foi aprovada a declaração do mesmo orador.

José Nepumuceno Garcia, dos Alfaiates, entende que ninguém se deve sujeitar aos intentos gananciosos dos senhores, assim como se indigna contra o procedimento de inquilinos que sobre-alugam.

Lembra que ninguém falte ao comício para ele resultar a força que se deseja.

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Seja, embora, a felicidade tudo o que de mais relativo existe, estando ela, para uns, antipodicamente longínqua e, para outros, comensalmente ao pé da porta, certo é que não pode sentir-se feliz a criatura à qual, do mesmo passo, falte o pão, a moradia, a tranqüilidade de espírito, a liberdade, a confiança no futuro, a consolação do presente e a blandícia do meio. A paciência e a resignação não suprem tudo, esse a Bíblia nos não conta as heréticas apóstrofes que Job proferiria, misero e nu, lá para os seus botões, em quanto as dermatoses o escorchavam como anátemas implacáveis, sabe-se ao menos, pela tradição velha, que o Santo Sebastião, quando entrou a cheirar-lhe a esturro a fúria dos flageladores que lhe diziam «morrá!», armou em rimante de improviso e mandou ao diabo as humilidades cristãs. Em certa época se conseguirá que a vida consista essencialmente em fruir, por enquanto, a vida resume-se quasi apenas em sofrer. Fisicamente, a mór parte das vezes; moralmente, sempre. De maneira que, enquanto uns tombam vencidos, e se abastardam e abovam, enquanto outros desesperam por criar-se nicho onde ir aliadamente riando os ossos conquistados, refletem outros, aqueles cuja espinha se não quebrou ainda inteiramente, aqueles cujo temperamento não tolera nem silêncios cúmplices, nem restrições de independência, ainda que pagas. O protesto vem a ser hoje a permanente atitude dos que ainda albergam em si resíduos de vitalidade. O protesto contra a vida? Não apoiado! O protesto contra os que a tornam insuportável. O protesto contra o mal, a tirania, o egoísmo feroz, a dúbile, a vileza, a cubícia, a mentira. E olhem que bem pode ser o protesto uma força ainda não medida. Olhem que bem pode essa força tornar-se uma avalanche de permanente transmutação social. Pois vem a ser de protesto a minha atitude permanente. Não, evidentemente, o protesto rasgado, patético, furibundo, o largo gesto descabelado, a demolição a murro, a revolta suprema de Sansão, o pontapé eléctrico e arrazador. E não, porque através das grades dum locutório não passam pés nem mãos. Mas pode-se, de lá mesmo, soltar o grito angustiado ou revoltoso, que irá voando e se elevando no espaço - aspiração em busca de luz, sonho a evoluir para a materialização. Daqui não sairá, portanto, dinamite. Tranqüilizem-se. Por enquanto, apenas a escrespada franzidela de nariz, que é, dos humanos sinais de desaprovção, o mais modesto. O diabo é que milhares de pessoas estão, como eu, de nariz franzido. Ora não é de crer que fique a humanidade, para sempre, com as cartilagens nasais encarquilhadas. A cousa terá a seu tempo o desenlace, pois não há retracções intermináveis, e um dia ou outro, o desabafo vem. Mas por enquanto a franzidela de nariz, apenas. Barafustem lá os cavalheiros da política, os cavalheiros do comércio, os cavalheiros da indústria. Eu contento-me em bradar-lhes daqui: Não apoiado! - E peço a palavra... mesmo fora da ordem.

Seja, embora, a felicidade tudo o que de mais relativo existe, estando ela, para uns, antipodicamente longínqua e, para outros, comensalmente ao pé da porta, certo é que não pode sentir-se feliz a criatura à qual, do mesmo passo, falte o pão, a moradia, a tranqüilidade de espírito, a liberdade, a confiança no futuro, a consolação do presente e a blandícia do meio. A paciência e a resignação não suprem tudo, esse a Bíblia nos não conta as heréticas apóstrofes que Job proferiria, misero e nu, lá para os seus botões, em quanto as dermatoses o escorchavam como anátemas implacáveis, sabe-se ao menos, pela tradição velha, que o Santo Sebastião, quando entrou a cheirar-lhe a esturro a fúria dos flageladores que lhe diziam «morrá!», armou em rimante de improviso e mandou ao diabo as humilidades cristãs. Em certa época se conseguirá que a vida consista essencialmente em fruir, por enquanto, a vida resume-se quasi apenas em sofrer. Fisicamente, a mór parte das vezes; moralmente, sempre. De maneira que, enquanto uns tombam vencidos, e se abastardam e abovam, enquanto outros desesperam por criar-se nicho onde ir aliadamente riando os ossos conquistados, refletem outros, aqueles cuja espinha se não quebrou ainda inteiramente, aqueles cujo temperamento não tolera nem silêncios cúmplices, nem restrições de independência, ainda que pagas. O protesto vem a ser hoje a permanente atitude dos que ainda albergam em si resíduos de vitalidade. O protesto contra a vida? Não apoiado! O protesto contra os que a tornam insuportável. O protesto contra o mal, a tirania, o egoísmo feroz, a dúbile, a vileza, a cubícia, a mentira. E olhem que bem pode ser o protesto uma força ainda não medida. Olhem que bem pode essa força tornar-se uma avalanche de permanente transmutação social. Pois vem a ser de protesto a minha atitude permanente. Não, evidentemente, o protesto rasgado, patético, furibundo, o largo gesto descabelado, a demolição a murro, a revolta suprema de Sansão, o pontapé eléctrico e arrazador. E não, porque através das grades dum locutório não passam pés nem mãos. Mas pode-se, de lá mesmo, soltar o grito angustiado ou revoltoso, que irá voando e se elevando no espaço - aspiração em busca de luz, sonho a evoluir para a materialização. Daqui não sairá, portanto, dinamite. Tranqüilizem-se. Por enquanto, apenas a escrespada franzidela de nariz, que é, dos humanos sinais de desaprovção, o mais modesto. O diabo é que milhares de pessoas estão, como eu, de nariz franzido. Ora não é de crer que fique a humanidade, para sempre, com as cartilagens nasais encarquilhadas. A cousa terá a seu tempo o desenlace, pois não há retracções intermináveis, e um dia ou outro, o desabafo vem. Mas por enquanto a franzidela de nariz, apenas. Barafustem lá os cavalheiros da política, os cavalheiros do comércio, os cavalheiros da indústria. Eu contento-me em bradar-lhes daqui: Não apoiado! - E peço a palavra... mesmo fora da ordem.

Seja, embora, a felicidade tudo o que de mais relativo existe, estando ela, para uns, antipodicamente longínqua e, para outros, comensalmente ao pé da porta, certo é que não pode sentir-se feliz a criatura à qual, do mesmo passo, falte o pão, a moradia, a tranqüilidade de espírito, a liberdade, a confiança no futuro, a consolação do presente e a blandícia do meio. A paciência e a resignação não suprem tudo, esse a Bíblia nos não conta as heréticas apóstrofes que Job proferiria, misero e nu, lá para os seus botões, em quanto as dermatoses o escorchavam como anátemas implacáveis, sabe-se ao menos, pela tradição velha, que o Santo Sebastião, quando entrou a cheirar-lhe a esturro a fúria dos flageladores que lhe diziam «morrá!», armou em rimante de improviso e mandou ao diabo as humilidades cristãs. Em certa época se conseguirá que a vida consista essencialmente em fruir, por enquanto, a vida resume-se quasi apenas em sofrer. Fisicamente, a mór parte das vezes; moralmente, sempre. De maneira que, enquanto uns tombam vencidos, e se abastardam e abovam, enquanto outros desesperam por criar-se nicho onde ir aliadamente riando os ossos conquistados, refletem outros, aqueles cuja espinha se não quebrou ainda inteiramente, aqueles cujo temperamento não tolera nem silêncios cúmplices, nem restrições de independência, ainda que pagas. O protesto vem a ser hoje a permanente atitude dos que ainda albergam em si resíduos de vitalidade. O protesto contra a vida? Não apoiado! O protesto contra os que a tornam insuportável. O protesto contra o mal, a tirania, o egoísmo feroz, a dúbile, a vileza, a cubícia, a mentira. E olhem que bem pode ser o protesto uma força ainda não medida. Olhem que bem pode essa força tornar-se uma avalanche de permanente transmutação social. Pois vem a ser de protesto a minha atitude permanente. Não, evidentemente, o protesto rasgado, patético, furibundo, o largo gesto descabelado, a demolição a murro, a revolta suprema de Sansão, o pontapé eléctrico e arrazador. E não, porque através das grades dum locutório não passam pés nem mãos. Mas pode-se, de lá mesmo, soltar o grito angustiado ou revoltoso, que irá voando e se elevando no espaço - aspiração em busca de luz, sonho a evoluir para a materialização. Daqui não sairá, portanto, dinamite. Tranqüilizem-se. Por enquanto, apenas a escrespada franzidela de nariz, que é, dos humanos sinais de desaprovção, o mais modesto. O diabo é que milhares de pessoas estão, como eu, de nariz franzido. Ora não é de crer que fique a humanidade, para sempre, com as cartilagens nasais encarquilhadas. A cousa terá a seu tempo o desenlace, pois não há retracções intermináveis, e um dia ou outro, o desabafo vem. Mas por enquanto a franzidela de nariz, apenas. Barafustem lá os cavalheiros da política, os cavalheiros do comércio, os cavalheiros da indústria. Eu contento-me em bradar-lhes daqui: Não apoiado! - E peço a palavra... mesmo fora da ordem.

Seja, embora, a felicidade tudo o que de mais relativo existe, estando ela, para uns, antipodicamente longínqua e, para outros, comensalmente ao pé da porta, certo é que não pode sentir-se feliz a criatura à qual, do mesmo passo, falte o pão, a moradia, a tranqüilidade de espírito, a liberdade, a confiança no futuro, a consolação do presente e a blandícia do meio. A paciência e a resignação não suprem tudo, esse a Bíblia nos não conta as heréticas apóstrofes que Job proferiria, misero e nu, lá para os seus botões, em quanto as dermatoses o escorchavam como anátemas implacáveis, sabe-se ao menos, pela tradição velha, que o Santo Sebastião, quando entrou a cheirar-lhe a esturro a fúria dos flageladores que lhe diziam «morrá!», armou em rimante de improviso e mandou ao diabo as humilidades cristãs. Em certa época se conseguirá que a vida consista essencialmente em fruir, por enquanto, a vida resume-se quasi apenas em sofrer. Fisicamente, a mór parte das vezes; moralmente, sempre. De maneira que, enquanto uns tombam vencidos, e se abastardam e abovam, enquanto outros desesperam por criar-se nicho onde ir aliadamente riando os ossos conquistados, refletem outros, aqueles cuja espinha se não quebrou ainda inteiramente, aqueles cujo temperamento não tolera nem silêncios cúmplices, nem restrições de independência, ainda que pagas. O protesto vem a ser hoje a permanente atitude dos que ainda albergam em si resíduos de vitalidade. O protesto contra a vida? Não apoiado! O protesto contra os que a tornam insuportável. O protesto contra o mal, a tirania, o egoísmo feroz, a dúbile, a vileza, a cubícia, a mentira. E olhem que bem pode ser o protesto uma força ainda não medida. Olhem que bem pode essa força tornar-se uma avalanche de permanente transmutação social. Pois vem a ser de protesto a minha atitude permanente. Não, evidentemente, o protesto rasgado, patético, furibundo, o largo gesto descabelado, a demolição a murro, a revolta suprema de Sansão, o pontapé eléctrico e arrazador. E não, porque através das grades dum locutório não passam pés nem mãos. Mas pode-se, de lá mesmo, soltar o grito angustiado ou revoltoso, que irá voando e se elevando no espaço - aspiração em busca de luz, sonho a evoluir para a materialização. Daqui não sairá, portanto, dinamite. Tranqüilizem-se. Por enquanto, apenas a escrespada franzidela de nariz, que é, dos humanos sinais de desaprovção, o mais modesto. O diabo é que milhares de pessoas estão, como eu, de nariz franzido. Ora não é de crer que fique a humanidade, para sempre, com as cartilagens nasais encarquilhadas. A cousa terá a seu tempo o desenlace, pois não há retracções intermináveis, e um dia ou outro, o desabafo vem. Mas por enquanto a franzidela de nariz, apenas. Barafustem lá os cavalheiros da política, os cavalheiros do comércio, os cavalheiros da indústria. Eu contento-me em bradar-lhes daqui: Não apoiado! - E peço a palavra... mesmo fora da ordem.

Seja, embora, a felicidade tudo o que de mais relativo existe, estando ela, para uns, antipodicamente longínqua e, para outros, comensalmente ao pé da porta, certo é que não pode sentir-se feliz a criatura à qual, do mesmo passo, falte o pão, a moradia, a tranqüilidade de espírito, a liberdade, a confiança no futuro, a consolação do presente e a blandícia do meio. A paciência e a resignação não suprem tudo, esse a Bíblia nos não conta as heréticas apóstrofes que Job proferiria, misero e nu, lá para os seus botões, em quanto as dermatoses o escorchavam como anátemas implacáveis, sabe-se ao menos, pela tradição velha, que o Santo Sebastião, quando entrou a cheirar-lhe a esturro a fúria dos flageladores que lhe diziam «morrá!», armou em rimante de improviso e mandou ao diabo as humilidades cristãs. Em certa época se conseguirá que a vida consista essencialmente em fruir, por enquanto, a vida resume-se quasi apenas em sofrer. Fisicamente, a mór parte das vezes; moralmente, sempre. De maneira que, enquanto uns tombam vencidos, e se abastardam e abovam, enquanto outros desesperam por criar-se nicho onde ir aliadamente riando os ossos conquistados, refletem outros, aqueles cuja espinha se não quebrou ainda inteiramente, aqueles cujo temperamento não tolera nem silêncios cúmplices, nem restrições de independência, ainda que pagas. O protesto vem a ser hoje a permanente atitude dos que ainda albergam em si resíduos de vitalidade. O protesto contra a vida? Não apoiado! O protesto contra os que a tornam insuportável. O protesto contra o mal, a tirania, o egoísmo feroz, a dúbile, a vileza, a cubícia, a mentira. E olhem que bem pode ser o protesto uma força ainda não medida. Olhem que bem pode essa força tornar-se uma avalanche de permanente transmutação social. Pois vem a ser de protesto a minha atitude permanente. Não, evidentemente, o protesto rasgado, patético, furibundo, o largo gesto descabelado, a demolição a murro, a revolta suprema de Sansão, o pontapé eléctrico e arrazador. E não, porque através das grades dum locutório não passam pés nem mãos. Mas pode-se, de lá mesmo, soltar o grito angustiado ou revoltoso, que irá voando e se elevando no espaço - aspiração em busca de luz, sonho a evoluir para a materialização. Daqui não sairá, portanto, dinamite. Tranqüilizem-se. Por enquanto, apenas a escrespada franzidela de nariz, que é, dos humanos sinais de desaprovção, o mais modesto. O diabo é que milhares de pessoas estão, como eu, de nariz franzido. Ora não é de crer que fique a humanidade, para sempre, com as cartilagens nasais encarquilhadas. A cousa terá a seu tempo o desenlace, pois não há retracções intermináveis, e um dia ou outro, o desabafo vem. Mas por enquanto a franzidela de nariz, apenas. Barafustem lá os cavalheiros da política, os cavalheiros do comércio, os cavalheiros da indústria. Eu contento-me em bradar-lhes daqui: Não apoiado! - E peço a palavra... mesmo fora da ordem.

Seja, embora, a felicidade tudo o que de mais relativo existe, estando ela, para uns, antipodicamente longínqua e, para outros, comensalmente ao pé da porta, certo é que não pode sentir-se feliz a criatura à qual, do mesmo passo, falte o pão, a moradia, a tranqüilidade de espírito, a liberdade, a confiança no futuro, a consolação do presente e a blandícia do meio. A paciência e a resignação não suprem tudo, esse a Bíblia nos não conta as heréticas apóstrofes que Job proferiria, misero e nu, lá para os seus botões, em quanto as dermatoses o escorchavam como anátemas implacáveis, sabe-se ao menos, pela tradição velha, que o Santo Sebastião, quando entrou a cheirar-lhe a esturro a fúria dos flageladores que lhe diziam «morrá!», armou em rimante de improviso e mandou ao diabo as humilidades cristãs. Em certa época se conseguirá que a vida consista essencialmente em fruir, por enquanto, a vida resume-se quasi apenas em sofrer. Fisicamente, a mór parte das vezes; moralmente, sempre. De maneira que, enquanto uns tombam vencidos, e se abastardam e abovam, enquanto outros desesperam por criar-se nicho onde ir aliadamente riando os ossos conquistados, refletem outros, aqueles cuja espinha se não quebrou ainda inteiramente, aqueles cujo temperamento não tolera nem silêncios cúmplices, nem restrições de independência, ainda que pagas. O protesto vem a ser hoje a permanente atitude dos que ainda albergam em si resíduos de vitalidade. O protesto contra a vida? Não apoiado! O protesto contra os que a tornam insuportável. O protesto contra o mal, a tirania, o egoísmo feroz, a dúbile, a vileza, a cubícia, a mentira. E olhem que bem pode ser o protesto uma força ainda não medida. Olhem que bem pode essa força tornar-se uma avalanche de permanente transmutação social. Pois vem a ser de protesto a minha atitude permanente. Não, evidentemente, o protesto rasgado, patético, furibundo, o largo gesto descabelado, a demolição a murro, a revolta suprema de Sansão, o pontapé eléctrico e arrazador. E não, porque através das grades dum locutório não passam pés nem mãos. Mas pode-se, de lá mesmo, soltar o grito angustiado ou revoltoso, que irá voando e se elevando no espaço - aspiração em busca de luz, sonho a evoluir para a materialização. Daqui não sairá, portanto, dinamite. Tranqüilizem-se. Por enquanto, apenas a escrespada franzidela de nariz, que é, dos humanos sinais de desaprovção, o mais modesto. O diabo é que milhares de pessoas estão, como eu, de nariz franzido. Ora não é de crer que fique a humanidade, para sempre, com as cartilagens nasais encarquilhadas. A cousa terá a seu tempo o desenlace, pois não há retracções intermináveis, e um dia ou outro, o desabafo vem. Mas por enquanto a franzidela de nariz, apenas. Barafustem lá os cavalheiros da política, os cavalheiros do comércio, os cavalheiros da indústria. Eu contento-me em bradar-lhes daqui: Não apoiado! - E peço a palavra... mesmo fora da ordem.

Seja, embora, a felicidade tudo o que de mais relativo existe, estando ela, para uns, antipodicamente longínqua e, para outros, comensalmente ao pé da porta, certo é que não pode sentir-se feliz a criatura à qual, do mesmo passo, falte o pão, a moradia, a tranqüilidade de espírito, a liberdade, a confiança no futuro, a consolação do presente e a blandícia do meio. A paciência e a resignação não suprem tudo, esse a Bíblia nos não conta as heréticas apóstrofes que Job proferiria, misero e nu, lá para os seus botões, em quanto as dermatoses o escorchavam como anátemas implacáveis, sabe-se ao menos, pela tradição velha, que o Santo Sebastião, quando entrou a cheirar-lhe a esturro a fúria dos flageladores que lhe diziam «morrá!», armou em rimante de improviso e mandou ao diabo as humilidades cristãs. Em certa época se conseguirá que a vida consista essencialmente em fruir, por enquanto, a vida resume-se quasi apenas em sofrer. Fisicamente, a mór parte das vezes; moralmente, sempre. De maneira que, enquanto uns tombam vencidos, e se abastardam e abovam, enquanto outros desesperam por criar-se nicho onde ir aliadamente riando os ossos conquistados, refletem outros, aqueles cuja espinha se não quebrou ainda inteiramente, aqueles cujo temperamento não tolera nem silêncios cúmplices, nem restrições de independência, ainda que pagas. O protesto vem a ser hoje a permanente atitude dos que ainda albergam em si resíduos de vitalidade. O protesto contra a vida? Não apoiado! O protesto contra os que a tornam insuportável. O protesto contra o mal, a tirania, o egoísmo feroz, a dúbile, a vileza, a cubícia, a mentira. E olhem que bem pode ser o protesto uma força ainda não medida. Olhem que bem pode essa força tornar-se uma avalanche de permanente transmutação social. Pois vem a ser de protesto a minha atitude permanente. Não, evidentemente, o protesto rasgado, patético, furibundo, o largo gesto descabelado, a demolição a murro, a revolta suprema de Sansão, o pontapé eléctrico e arrazador. E não, porque através das grades dum locutório não passam pés nem mãos. Mas pode-se, de lá mesmo, soltar o grito angustiado ou revoltoso, que irá voando e se elevando no espaço - aspiração em busca de luz, sonho a evoluir para a materialização. Daqui não sairá, portanto, dinamite. Tranqüilizem-se. Por enquanto, apenas a escrespada franzidela de nariz, que é, dos humanos sinais de desaprovção, o mais modesto. O diabo é que milhares de pessoas estão, como eu, de nariz franzido. Ora não é de crer que fique a humanidade, para sempre, com as cartilagens nasais encarquilhadas. A cousa terá a seu tempo o desenlace, pois não há retracções intermináveis, e um dia ou outro, o desabafo vem. Mas por enquanto a franzidela de nariz, apenas. Barafustem lá os cavalheiros da política, os cavalheiros do comércio, os cavalheiros da indústria. Eu contento-me em bradar-lhes daqui: Não apoiado! - E peço a palavra... mesmo fora da ordem.

Seja, embora, a felicidade tudo o que de mais relativo existe, estando ela, para uns, antipodicamente longínqua e, para outros, comensalmente ao pé da porta, certo é que não pode sentir-se feliz a criatura à qual, do mesmo passo, falte o pão, a moradia, a tranqüilidade de espírito, a liberdade, a confiança no futuro, a consolação do presente e a blandícia do meio. A paciência e a resignação não suprem tudo, esse a Bíblia nos não conta as heréticas apóstrofes que Job proferiria, misero e nu, lá para os seus botões, em quanto as dermatoses o escorchavam como anátemas implacáveis, sabe-se ao menos, pela tradição velha, que o Santo Sebastião, quando entrou a cheirar-lhe a esturro a fúria dos flageladores que lhe diziam «morrá!», armou em rimante de improviso e mandou ao diabo as humilidades cristãs. Em certa época se conseguirá que a vida consista essencialmente em fruir, por enquanto, a vida resume-se quasi apenas em sofrer. Fisicamente, a mór parte das vezes; moralmente, sempre. De maneira que, enquanto uns tombam vencidos, e se abastardam e abovam, enquanto outros desesperam por criar-se nicho onde ir aliadamente riando os ossos conquistados, refletem outros, aqueles cuja espinha se não quebrou ainda inteiramente, aqueles cujo temperamento não tolera nem silêncios cúmplices, nem restrições de independência, ainda que pagas. O protesto vem a ser hoje a permanente atitude dos que ainda albergam em si resíduos de vitalidade. O protesto contra a vida? Não apoiado! O protesto contra os que a tornam insuportável. O protesto contra o mal, a tirania, o egoísmo feroz, a dúbile, a vileza, a cubícia, a mentira. E olhem que bem pode ser o protesto uma força ainda não medida. Olhem que bem pode essa força tornar-se uma avalanche de permanente transmutação social. Pois vem a ser de protesto a minha atitude permanente. Não, evidentemente, o protesto rasgado, patético, furibundo, o largo gesto descabelado, a demolição a murro, a revolta suprema de Sansão, o pontapé eléctrico e arrazador. E não, porque através das grades dum locutório não passam pés nem mãos. Mas pode-se, de lá mesmo, soltar o grito angustiado ou revoltoso, que irá voando e se elevando no espaço - aspiração em busca de luz, sonho a evoluir para a materialização. Daqui não sairá, portanto, dinamite. Tranqüilizem-se. Por enquanto, apenas a escrespada franzidela de nariz, que é, dos humanos sinais de desaprovção, o mais modesto. O diabo é que milhares de pessoas estão, como eu, de nariz franzido. Ora não é de crer que fique a humanidade, para sempre, com as cartilagens nasais encarquilhadas. A cousa terá a seu tempo o desenlace, pois não há retracções intermináveis, e um dia ou outro, o desabafo vem. Mas por enquanto a franzidela de nariz, apenas. Barafustem lá os cavalheiros da política, os cavalheiros do comércio, os cavalheiros da indústria. Eu contento-me em bradar-lhes daqui: Não apoiado! - E peço a palavra... mesmo fora da ordem.

Seja, embora, a felicidade tudo o que de mais relativo existe, estando ela, para uns, antipodicamente longínqua e, para outros, comensalmente ao pé da porta, certo é que não pode sentir-se feliz a criatura à qual, do mesmo passo, falte o pão, a moradia, a tranqüilidade de espírito, a liberdade, a confiança no futuro, a consolação do presente e a blandícia do meio. A paciência e a resignação não suprem tudo, esse a Bíblia nos não conta as heréticas apóstrofes que Job proferiria, misero e nu, lá para os seus botões, em quanto as dermatoses o escorchavam como anátemas implacáveis, sabe-se ao menos, pela tradição velha, que o Santo Sebastião, quando entrou a cheirar-lhe a esturro a fúria dos flageladores que lhe diziam «morrá!», armou em rimante de improviso e mandou ao diabo as humilidades cristãs. Em certa época se conseguirá que a vida consista essencialmente em fruir, por enquanto, a vida resume-se quasi apenas em sofrer. Fisicamente, a mór parte das vezes; moralmente, sempre. De maneira que, enquanto uns tombam vencidos, e se abastardam e abovam, enquanto outros desesperam por criar-se nicho onde ir aliadamente riando os ossos conquistados, refletem outros, aqueles cuja espinha se não quebrou ainda inteiramente, aqueles cujo temperamento não tolera nem silêncios cúmplices, nem restrições de independência, ainda que pagas. O protesto vem a ser hoje a permanente atitude dos que ainda albergam em si resíduos de vitalidade. O protesto contra a vida? Não apoiado! O protesto contra os que a tornam insuportável. O protesto contra o mal, a tirania, o egoísmo feroz, a dúbile, a vileza, a cubícia, a mentira. E olhem que bem pode ser o protesto uma força ainda não medida. Olhem que bem pode essa força tornar-se uma avalanche de permanente transmutação social. Pois vem a ser de protesto a minha atitude permanente. Não, evidentemente, o protesto rasgado, patético, furibundo, o largo gesto descabelado, a demolição a murro, a revolta suprema de Sansão, o pontapé eléctrico e arrazador. E não, porque através das grades dum locutório não passam pés nem mãos. Mas pode-se, de lá mesmo, soltar o grito angustiado ou revoltoso, que irá voando e se elevando no espaço - aspiração em busca de luz, sonho a evoluir para a materialização. Daqui não sairá, portanto, dinamite. Tranqüilizem-se. Por enquanto, apenas a escrespada franzidela de nariz, que é, dos humanos sinais de desaprovção, o mais modesto. O diabo é que milhares de pessoas estão, como eu, de nariz franzido. Ora não é de crer que fique a humanidade, para sempre, com as cartilagens nasais encarquilhadas. A cousa terá a seu tempo o desenlace, pois não há retracções intermináveis, e um dia ou outro, o desabafo vem. Mas por enquanto a franzidela de nariz, apenas. Barafustem lá os cavalheiros da política, os cavalheiros do comércio, os cavalheiros da indústria. Eu contento-me em bradar-lhes daqui: Não apoiado! - E peço a palavra... mesmo fora da ordem.

Seja, embora, a felicidade tudo o que de mais relativo existe, estando ela, para uns, antipodicamente longínqua e, para outros, comensalmente ao pé da porta, certo é que não pode sentir-se feliz a criatura à qual, do mesmo passo, falte o pão, a moradia, a tranqüilidade de espírito, a liberdade, a confiança no futuro, a consolação do presente e a blandícia do meio. A paciência e a resignação não suprem tudo, esse a Bíblia nos não conta as heréticas apóstrofes que Job proferiria, misero e nu, lá para os seus botões, em quanto as dermatoses o escorchavam como anátemas implacáveis, sabe-se ao menos, pela tradição velha, que o Santo Sebastião, quando entrou a cheirar-lhe a esturro a fúria dos flageladores que lhe diziam «morrá!», armou em rimante de improviso e mandou ao diabo as humilidades cristãs. Em certa época se conseguirá que a vida consista essencialmente em fruir, por enquanto, a vida resume-se quasi apenas em sofrer. Fisicamente, a mór parte das vezes; moralmente, sempre. De maneira que, enquanto uns tombam vencidos, e se abastardam e abovam, enquanto outros desesperam por criar-se nicho onde ir aliadamente riando os ossos conquistados, refletem outros, aqueles cuja espinha se não quebrou ainda inteiramente, aqueles cujo temperamento não tolera nem silêncios cúmplices, nem restrições de independência, ainda que pagas. O protesto vem a ser hoje a permanente atitude dos que ainda albergam em si resíduos de vitalidade. O protesto contra a vida? Não apoiado! O protesto contra os que a tornam insuportável. O protesto contra o mal, a tirania, o egoísmo feroz, a dúbile, a vileza, a cubícia, a mentira. E olhem que bem pode ser o protesto uma força ainda não medida. Olhem que bem pode essa força tornar-se uma avalanche de permanente transmutação social. Pois vem a ser de protesto a minha atitude permanente. Não, evidentemente, o protesto rasgado, patético, furibundo, o largo gesto descabelado, a demolição a murro, a revolta suprema de Sansão, o pontapé eléctrico e arrazador. E não, porque através das grades dum locutório não passam pés nem mãos. Mas pode-se, de lá mesmo, soltar o grito angustiado ou revoltoso, que irá voando e se elevando no espaço - aspiração em busca de luz, sonho a evoluir para a materialização. Daqui não sairá, portanto, dinamite. Tranqüilizem-se. Por enquanto, apenas a escrespada franzidela de nariz, que é, dos humanos sinais de desaprovção, o mais modesto. O diabo é que milhares de pessoas estão, como eu, de nariz franzido. Ora não é de crer que fique a humanidade, para sempre, com as cartilagens nasais encarquilhadas. A cousa terá a seu tempo o desenlace, pois não há retracções intermináveis, e um dia ou outro, o desabafo vem. Mas por enquanto a franzidela de nariz, apenas. Barafustem lá os cavalheiros da política, os cavalheiros do comércio, os cavalheiros da indústria. Eu contento-me em bradar-lhes daqui: Não apoiado! - E peço a palavra... mesmo fora da ordem.

Seja, embora, a felicidade tudo o que de mais relativo existe, estando ela, para uns, antipodicamente longínqua e, para outros, comensalmente ao pé da porta, certo é que não pode sentir-se feliz a criatura à qual, do mesmo passo, falte o pão, a moradia, a tranqüilidade de espírito, a liberdade, a confiança no futuro, a consolação do presente e a blandícia do meio. A paciência e a resignação não suprem tudo, esse a Bíblia nos não conta as heréticas apóstrofes que Job proferiria, misero e nu, lá para os seus botões, em quanto as dermatoses o escorchavam como anátemas implacáveis, sabe-se ao menos, pela tradição velha, que o Santo Sebastião, quando entrou a cheirar-lhe a esturro a fúria dos flageladores que lhe diziam «morrá!», armou em rimante de improviso e mandou ao diabo as humilidades cristãs. Em certa época se conseguirá que a vida consista essencialmente em fruir, por enquanto, a vida resume-se quasi apenas em sofrer. Fisicamente, a mór parte das vezes; moralmente, sempre. De maneira que, enquanto uns tombam vencidos, e se abastardam e abovam, enquanto outros desesperam por criar-se nicho onde ir aliadamente riando os ossos conquistados, refletem outros, aqueles cuja espinha se não quebrou ainda inteiramente, aqueles cujo temperamento não tolera nem silêncios cúmplices, nem restrições de independência, ainda que pagas. O protesto vem a ser hoje a permanente atitude dos que ainda albergam em si resíduos de vitalidade. O protesto contra a vida? Não apoiado! O protesto contra os que a tornam insuportável. O protesto contra

O que vai lá por fora

NA AUSTRIA

As impressões de Mrs. Snowden, socialista inglesa.

Mrs. Snowden, que durante algum tempo viveu em Viena de Austria, conta assim as suas impressões de lá no jornal socialista *Labour Leader*.

«Tem-se muitas vezes dito que os socialistas que formam o governo austriaco não são menos reaccionários que os governantes capitalistas que os precederam. Eu por mim não o acho tão seguro como os pintam, e observei que os conservam fiéis aos seus ideais socialistas, e que trabalham para este fim a melhor vontade, tanto quanto lhes permitem as circunstâncias atuais. Na minha opinião deve-se conservar no poder o governo presente, quando não temos a reação ou então a anarquia.

«O movimento espartaquista nunca foi muito forte na Austria, e assim mesmo agora está em decadência, e em consequência por isso assim que as condições alimentares melhoraram um pouco, perdeu logo a influência. E para comprovar o que aqui digo cito o caso do governo ter dissolvido a guarda vermelha sem isto levantar protestos da parte do Partido Comunista. Mas se a fome aperta, o partido com certeza forçará a recuperar a sua força.

«Quando a Fritz Odler, é de muito avanço nas suas ideias, mas entende que uma revolução de violência na presente ocasião não daria resultado algum. Daria simplesmente lugar à pilagem e à vingança dos piores elementos da sociedade. O partido social-democrata é o que tem maior representação no parlamento, mas, no entanto, não é suficiente para formar um governo só seu, e é por isso que não pode pôr em prática muitas coisas que deseja.

«Um grupo parlamentar importante do Partido Socialista Cristão — que pode ser muito cristão, mas de socialista é que não tem nada. Representa os aldeões, que são extremamente hostis ao Socialismo.

«No continente, os camponeses são em toda a parte uma ameaça para o Socialismo. O dr. Bauer, o presidente do ministério austriaco, disse-me que o maior problema socialista a resolver é o que diz respeito aos camponeses. O aldeão tem a sua pequena propriedade, e durante a guerra pagou as suas dívidas e acumulou o seu pecúlio. Tem o Socialismo, porque julga que ele lhe roubará a sua nova riqueza.

«Os camponeses enviam para Viena, a quem odeiam, o mínimo da sua produção. Além do que é destinado para as suas próprias necessidades, eles só produzem uma pequena quantidade para a vender por altos preços à classe dos ricos.

«As condições alimentares não podem ser piores. Por toda a parte se vêem operários, com suas mulheres e filhos, pedindo esmola; outros parados às portas dos hotéis, à espera que lhes deem alguns restos de comida. O inverno é esperado com terror, porque não há carvão, e a Checo-Eslavaquia nega-se a conceder-lho, conforme lhe ordenava o Tratado de Paz.

«Todos os socialistas austriacos, a quem pergunto o que querem que lhes fizesses em seu auxílio, responderam-me do seguinte modo: aumentai o vosso partido na câmara dos comuns; elegi para o parlamento maior número de socialistas.

«Da estreiteza de vistas do governo socialista austriaco, que aqui bem nos patenteia Mrs. Snowden, conclui-se, apesar dela dizer o contrário, que não temem o que afirmam que ele não é menos reaccionário do que todos os outros do tem precedido. Como todos os governos democráticos, rotulados de socialistas, ele limita-se a muito prometer, mas não se atreve a nada pôr em prática, com receio de irritar ou suscitar a burguesia reaccionária. Em vez de fazer face à situação presente, apela para os socialistas ingleses e estes provavelmente esperam a sua salvação doutra, e assim vai tudo andando.

NA DINAMARCA

Conselhos de soldados e operários.

A falta de trabalho e a carestia sempre presente de todos os gêneros tem impellido cada vez mais para a ação directa os trabalhadores dinamarqueses, e assim é que a Associação Geral dos Socialistas decidiu recentemente que por toda a parte se fundassem conselhos de soldados e operários. O comité geral aprovou o seguinte programa: — Formar-se háo primeiro comités de fábricas, e todos os comités da mesma indústria reunidos é que formarão os conselhos operários. Os soldados também se reunirão em conselhos, a fim de se poderem defender contra a burguesia e contra a polícia. E todas estas organizações devem opor-se ao socialismo democrata oficial.

O que mais tem contribuído para o descontentamento das classes trabalhadoras dinamarquesas tem sido sobretudo a falta de trabalho.

Comentando a situação geral o jornal conservador *Berlingske Tidende* disse: «Agora já não é uma luta por altos salários, mas «luta pelo poder» e pela socialização de todas as empresas públicas. Greves ilegais, rompimentos de contratos, ausência de disciplina nas associações, eis os traços que cada vez vão caracterizando mais o movimento operário da Dinamarca.

Rusação infundada

No dia 18 foi julgado no tribunal da Boa Hora o empregado dos correios e telegrafos Joaquim Costa, morador no Poço dos Negros, 107, 4.º, acusado de se ter apoderado de cartas contendo valores, provando-se a sem razão da acusação, pelo que foi absolvido.

Os Estados Unidos e a Paz

Se o tratado for rectificado, os partidários de Wilson no Senado, não o aceitarão

WASHINGTON, 18. — As reservas Lodge sofreram sérios desastres. O Senado rejeitou, por 64 contra 29 votos, a 14.ª reserva estipulando a recusa dos Estados Unidos a qualquer mandato ou atribuição nas antigas colónias alemãs. Quarenta e um republicanos votaram contra.

O Senado rejeitou, igualmente, por 56 votos contra 36, a 15.ª reserva pedindo que os Estados Unidos julgem as suas próprias questões afectando a honra nacional e os seus interesses vitais.

Os Estados Unidos e a Paz

Rejeitou também a reserva recusando reconhecer o protectorado da Grã-Bretanha sobre o Egipto. Depois disso conferência na Casa Branca, Hitchcock declarou que o presidente Wilson se tratou de rejeitar pura e simplesmente o tratado se for rectificado depois da adopção de qual das moções Lodge. Confirma-se que o presidente Wilson deu os seus partidários ordem formal de votarem contra o tratado se a resolução da ratificação ingerir alguma das reservas Lodge. — *Rádio*.

Na Hungria

Continuam as perseguições — A devastação dos romances — O terror branco.

Volkenberg, o comandante da polícia de Budapeste, declarou abertamente que a Hungria só poderá ser reconstruída por meio dos pogroms. Durante as matanças tem sido sempre incluído no número dos judeus todos os comunistas. Em Marzali duraram 8 dias e 8 noites os massacres; todo o judeu anilhado era morto imediatamente. Está claro que isto diz respeito aos operários, porque os judeus banqueiros, embora mesmo não baptizados, são protegidos pela autoridade. Nas prisões de Budapeste encontram-se mais de 3.500 presos políticos.

Até as escolas tem sido transformadas em cárceres. Celas destinadas só para uma pessoa contêm 15 a 20 presos. Muitos *leaders* do partido socialista tem sido torturados na prisão, e alguns, como Szama, até tem sido assassinados. Todos os que tomaram parte no governo socialista são perseguidos ferozmente.

Os trabalhadores da Hungria reclamam a volta dos Soviéticos, e estavam prontos a restaurá-los entusiasticamente, se não fossem as tropas estrangeiras. Durante o tempo que eles duraram, pouco havia que comer, e os burgueses espalharam então, entre os trabalhadores, que se os soviéticos cassem, a Entente fornecer-lhes a tudo quanto necessitassem, como estava acontecendo com a Austria. Os operários acreditaram nestas palavras, mas agora já estão vendo como foram enganados. Budapeste tem actualmente dois milhões de habitantes e só tem alimentos para 200.000.

Se fosse no tempo dos soviéticos este pouco seria distribuído equitativamente por todos, mas presentemente a bur-

A BATALHA

NA PROVINCIA NOS ARREDORES

CHAYEB, 18

Propaganda sindicalista

Efectuou-se na U. O. Transmontana uma assembleia a que presidiu Alberto Dias, delegado da Federação da Construção Civil, secretariado por João Casimiro, pedreiro, e António Lopes, carpinteiro.

O presidente, agradecendo a honra da presidência, honra que reivindicava para a Federação, em nome da qual ainda se considerava de Chaves, explicou à assembleia que esta reunião tem por fim a exposição dos trabalhos realizados no congresso da indústria da Construção Civil, pelo camarada David de Souza Ramos, nosso delegado aos congressos de Coimbra, a quem dá a palavra.

O camarada Ramos começou por pedir desculpa, por só agora poder dar conta da missão de que foi encarregado, depois do que fez a assembleia conhecer a alguns dos resultados do congresso, que ele aprovou em nome desta colectividade, tais como as que referem ao Sindicato Unico, caixa de solidariedade e bolsas de trabalho.

João B. de Oliveira, pela Construção Civil, afirmou que o camarada Ramos não tivesse há mais tempo dado conta dos seus trabalhos, pois tem grande dor de cabeça, e preocupar a U. O. Transmontana. Devemos contudo estar satisfeitos porque a sua demora deu-nos ensejo de ouvirmos o camarada Alberto Dias e pela segunda vez o camarada João de Deus Simões. Não compreendendo bem o funcionamento das bolsas de trabalho, pediu explicações ao camarada João de Deus, o qual, usando da palavra, explicou-lhe as explicações pedidas, enumerando as vantagens da Caixa de Solidariedade e das Bolsas de Trabalho. A conta da caixa de solidariedade é de cinco contos anuais e dá direito a auxílio em caso de doença por questões sociais, ao pagamento de transportes de uma localidade para outra, etc., tudo de harmonia com o regulamento da caixa e bolsos de trabalho, nos quais, quando bem organizados, com o respectivo conselho técnico, podem encargar-se da execução de qualquer trabalho industrial.

Alberto Dias diz que um dos fins da Caixa e das Bolsas, é a utilização dos salários, pois que, retirando da circulação os salários, os trabalhadores para qualquer localidade, onde lhes seja garantido maior salário, quando aqui ficam falam só virão em melhores condições, aliando-se assim os fins desejados e os salários iguais em toda a parte para a mesma indústria.

Referindo-se a caderneta profissional, diz o alemão de simplificar muito a escrita, é uma garantia para os operários que tenham de sair duma localidade para outra, visto que a qualquer parte que cheguem onde o operário estiver organizado, não lhe será difícil arranjar trabalho.

Abordando assuntos de alto interesse social termina por mostrar a necessidade de se fazer um organismo de trabalho sério e organizado sem preparação pela revolução mundial.

Antes de encerrar a sessão foi nomeado o Conselho da Indústria da Construção Civil, que ficou constituída por dois pedreiros, dois carpinteiros e dois tro-lhas.—C.

A sede desta Empresa, na rua Garrett, iniciará hoje as suas transacções, habilitada com o maior sortimento de livreria nacional e estrangeira.

Sociedade Editora Portugal Brasil, L.º

Sede: R. Garrett, 50-52 — Sucursal: R. do Ouro, 192-194

TELEFONE 3-212 (Antiga Livreria Ferreira) Telef. 507

End. tel. Porbrazil—LISBOA

A sede desta Empresa, na rua Garrett, iniciará hoje as suas transacções, habilitada com o maior sortimento de livreria nacional e estrangeira.

Livros de Direito — Sciencias médicas — Sciencias matemáticas — Sciencias naturais — Sciencias agrícolas, etc. — Linguística e Filologia — Ensino e Pedagogia — Tecnologia — História — Geografia e Belas Artes — Literatura, etc.

CORRESPONDENTES EM TODOS OS CAPITAIS DO ESTRANGEIRO

A mais completa livreria do país

EM BEJA

Perseguições na forja?

As autoridades da burguesia andam de algum tempo a esta parte forjando qualquer coisa contra o operariado organizado.

Por informações fidedignas sabemos existir uma lista com os nomes das camaradas que devem ser presos na primeira oportunidade.

Há tempos deu-se uma sessão de protesto contra a carestia da vida, estando a sede cercada de polícia e cavalaria, comandada por um capitão.

Tudo isto apenas resultou de supor-se que vinham agitadores de Lisboa e que saíria a Revolução da Associação! Passados dias, um cabo da polícia aparece perguntando quem eram os presidentes das Associações da Construção Civil e Trabalhadores Rurais. Esse cabo perguntou ao camarada Pires, presidente da C. C., se tinha a chave, pois que o sr. comissário desajava ver a casa.

O interrogado deu a seguinte resposta: — Tenho a chave, sim senhor. ¿Querá o senhor comissário ir para lá morar? Pois logo à noite lá estou, e a casa está às ordens.

Efectivamente o comissário apareceu na sede, esteve interrogando vários camaradas, tanto da C. C., como dos Rurais, e observando todos os cantos da casa.

Passados dias, correu o boato de que se ia dar um assalto à sede das associações, onde também está a Juventude Sindicalista. Para lá foram muitos camaradas, esperando acontecimentos, que não se deram.

Constava que o assalto era devido a que na véspera se tinha espalhado, no quartel do 17, um manifesto antimilitarista (2), tendo sido preso um camarada fardado, que esteve incomunicável 4 dias, sendo enviado para Elvas.

¿Querem saber o que eles pretendiam insinuar? Que tinha sido Gonçalves Correia o autor do manifesto e que tinha feito a distribuição, tudo isto só para o prenderem, o que, até hoje, não succedeu.

Terça-feira, 18 do corrente, deu-se aqui outra grande sessão, fazendo-se representar o comissário e um outro personagem, mas, antes da sessão, o camarada Pires chamado pela polícia para mostrar a casa ao comissário e a um oficial do exército, «para que seriam tantas visitas ou buscas».

Quarta-feira, 19, chegou uma grande força da guarda municipal a cavalo, dizem que para manter o operariado na ordem.

Ora com todas estas fitas do que pretendem fazer as autoridades de Beja? Acaso pensam que é assaltando a casa dos trabalhadores, prendendo, e não sabemos se mais alguma coisa, que as autoridades resolvam a carestia da vida e outras reclamações do operariado?

2.ªs Excelências que se mostram mais valentes, porque não fazem entrar na ordem os negociantes, e os assam-bardadores?

Perseguições governamentais

Comissão pré-presos por questões sociais

Constatou esta comissão terem sido afixados os camaradas Armando Abilio Lopes, Baldomero Francisco e Aníbal Maria Borges, tomando também conhecimento de já se acharem em liberdade todos os camaradas grevistas culminários, que se encontravam no governo civil.

Na próxima semana devem ser afixados mais camaradas jovens sindicalistas.

Receberam esta comissão dos camaradas da Juventude Sindicalista de Beja a quantia de 6800 como auxílio aos presos por questões sociais, produto de uma quete ali tirada na sessão de 18 de Novembro corrente.

Do camarada João Gonçalves Pires, 330; da U. S. O. de Orlhão, 420 e um achado 505.

Diligência esta comissão que se efectivou o mais rapidamente possível os julgamentos dos restantes presos por questões sociais, mas parece que devido à interferência da burguesia se estão retardando. E' preciso, senhores governantes, mais um boato de umidade para entregar ao tribunal militar, a não ser que haja o propósito desses camaradas apodrecerem dentro das masmorras desta liberal republica!

¿Quando haverá um pouco de atenção por este estado de coisas?

De novo se solicita da classe trabalhadora que se não esqueça do auxílio a prestar aos camaradas presos a fim de lhes atenuar a sua aflição situação.

Das 20 às 21 horas encontra-se um delegado desta comissão na sede da U. S. O. a fim de receber donativos.

Perseguições governamentais

Comissão pré-presos por questões sociais

Constatou esta comissão terem sido afixados os camaradas Armando Abilio Lopes, Baldomero Francisco e Aníbal Maria Borges, tomando também conhecimento de já se acharem em liberdade todos os camaradas grevistas culminários, que se encontravam no governo civil.

Na próxima semana devem ser afixados mais camaradas jovens sindicalistas.

Receberam esta comissão dos camaradas da Juventude Sindicalista de Beja a quantia de 6800 como auxílio aos presos por questões sociais, produto de uma quete ali tirada na sessão de 18 de Novembro corrente.

Do camarada João Gonçalves Pires, 330; da U. S. O. de Orlhão, 420 e um achado 505.

Diligência esta comissão que se efectivou o mais rapidamente possível os julgamentos dos restantes presos por questões sociais, mas parece que devido à interferência da burguesia se estão retardando. E' preciso, senhores governantes, mais um boato de umidade para entregar ao tribunal militar, a não ser que haja o propósito desses camaradas apodrecerem dentro das masmorras desta liberal republica!

¿Quando haverá um pouco de atenção por este estado de coisas?

De novo se solicita da classe trabalhadora que se não esqueça do auxílio a prestar aos camaradas presos a fim de lhes atenuar a sua aflição situação.

Das 20 às 21 horas encontra-se um delegado desta comissão na sede da U. S. O. a fim de receber donativos.

Trabalhadores da imprensa

Homenagens a dois antigos jornalistas

No dia 30 do corrente, nesta Associação, serão inaugurados, nas suas salas, os retratos do falecido jornalista Eduardo Coelho, antigo presidente da assembleia geral do velho reporter José Francisco de Assis Almeida, ambos do *Diário de Notícias*.

Foram já convidados a usar da palavra sobre Eduardo Coelho, o antigo jornalista sr. José Pereira e do reporter Almeida o jornalista sr. Machado Correia.

Na Alemanha

As perseguições ao espartaquismo

ZURICH, 18. — A polícia de Leipzig descobriu a central comunista da Alemanha, depois de difíceis pesquisas, apoderando-se de todos os documentos, livros, folhetos e demais papéis. — *Rádio*.

Polícia marítima

O sr. Leonel Tavares de Melo, chefe da 1.ª secção da polícia marítima, visitou ontem a companhia do agente J. J. Flor.

O sr. Leonel Tavares de Melo, chefe da 1.ª secção da polícia marítima, visitou ontem a companhia do agente J. J. Flor.

Sociedades de recreio

Academia Filarmónica Verdi — Continuam hoje as festas do aniversário com concerto musical das 10 às 18 horas na banda da Academia e às 21 baile.

Continuam hoje as festas do aniversário com concerto musical das 10 às 18 horas na banda da Academia e às 21 baile.

A BATALHA

NA PROVINCIA NOS ARREDORES

CHAYEB, 18

Propaganda sindicalista

Efectuou-se na U. O. Transmontana uma assembleia a que presidiu Alberto Dias, delegado da Federação da Construção Civil, secretariado por João Casimiro, pedreiro, e António Lopes, carpinteiro.

O presidente, agradecendo a honra da presidência, honra que reivindicava para a Federação, em nome da qual ainda se considerava de Chaves, explicou à assembleia que esta reunião tem por fim a exposição dos trabalhos realizados no congresso da indústria da Construção Civil, pelo camarada David de Souza Ramos, nosso delegado aos congressos de Coimbra, a quem dá a palavra.

O camarada Ramos começou por pedir desculpa, por só agora poder dar conta da missão de que foi encarregado, depois do que fez a assembleia conhecer a alguns dos resultados do congresso, que ele aprovou em nome desta colectividade, tais como as que referem ao Sindicato Unico, caixa de solidariedade e bolsas de trabalho.

João B. de Oliveira, pela Construção Civil, afirmou que o camarada Ramos não tivesse há mais tempo dado conta dos seus trabalhos, pois tem grande dor de cabeça, e preocupar a U. O. Transmontana. Devemos contudo estar satisfeitos porque a sua demora deu-nos ensejo de ouvirmos o camarada Alberto Dias e pela segunda vez o camarada João de Deus Simões. Não compreendendo bem o funcionamento das bolsas de trabalho, pediu explicações ao camarada João de Deus, o qual, usando da palavra, explicou-lhe as explicações pedidas, enumerando as vantagens da Caixa de Solidariedade e das Bolsas de Trabalho. A conta da caixa de solidariedade é de cinco contos anuais e dá direito a auxílio em caso de doença por questões sociais, ao pagamento de transportes de uma localidade para outra, etc., tudo de harmonia com o regulamento da caixa e bolsos de trabalho, nos quais, quando bem organizados, com o respectivo conselho técnico, podem encargar-se da execução de qualquer trabalho industrial.

Alberto Dias diz que um dos fins da Caixa e das Bolsas, é a utilização dos salários, pois que, retirando da circulação os salários, os trabalhadores para qualquer localidade, onde lhes seja garantido maior salário, quando aqui ficam falam só virão em melhores condições, aliando-se assim os fins desejados e os salários iguais em toda a parte para a mesma indústria.

Referindo-se a caderneta profissional, diz o alemão de simplificar muito a escrita, é uma garantia para os operários que tenham de sair duma localidade para outra, visto que a qualquer parte que cheguem onde o operário estiver organizado, não lhe será difícil arranjar trabalho.

Abordando assuntos de alto interesse social termina por mostrar a necessidade de se fazer um organismo de trabalho sério e organizado sem preparação pela revolução mundial.

Antes de encerrar a sessão foi nomeado o Conselho da Indústria da Construção Civil, que ficou constituída por dois pedreiros, dois carpinteiros e dois tro-lhas.—C.

A sede desta Empresa, na rua Garrett, iniciará hoje as suas transacções, habilitada com o maior sortimento de livreria nacional e estrangeira.

Sociedade Editora Portugal Brasil, L.º

Sede: R. Garrett, 50-52 — Sucursal: R. do Ouro, 192-194

TELEFONE 3-212 (Antiga Livreria Ferreira) Telef. 507

End. tel. Porbrazil—LISBOA

A sede desta Empresa, na rua Garrett, iniciará hoje as suas transacções, habilitada com o maior sortimento de livreria nacional e estrangeira.

Livros de Direito — Sciencias médicas — Sciencias matemáticas — Sciencias naturais — Sciencias agrícolas, etc. — Linguística e Filologia — Ensino e Pedagogia — Tecnologia — História — Geografia e Belas Artes — Literatura, etc.

CORRESPONDENTES EM TODOS OS CAPITAIS DO ESTRANGEIRO

A mais completa livreria do país

UM DISCURSO COMO TANTOS

pronunciado pelo presidente do ministério prussiano

ZURICH, 19. — Telegrafam de Berlim que o sr. Hirsch, presidente do ministério prussiano, abriu o debate político que se vai desenrolar na Câmara prussiana, com um importante discurso. Protestou especialmente contra as manifestações escandalosas a que se entregaram os nacionalistas e os reaccionários para impedir o funcionamento da comissão de inquérito às responsabilidades da guerra. Depois de ter afirmado que o governo castigará os culpados e especialmente os agitadores que incitam a juventude a participar nas manifestações anti-governamentais, Hirsch atacou com a mesma violência os radicais da extrema esquerda. O orador declarou que não se podem já tolerar as greves políticas que arruinam o país.

O ministro terminou o seu discurso pedindo à classe operária que pense cada dia mais detidamente e que procure recuperar a sua antiga união e fez um apelo a todo o povo alemão para que reconheça a boa vontade do governo e o apoio na sua difícil tarefa. — *Rádio*.

Perseguições governamentais

Comissão pré-presos por questões sociais

Constatou esta comissão terem sido afixados os camaradas Armando Abilio Lopes, Baldomero Francisco e Aníbal Maria Borges, tomando também conhecimento de já se acharem em liberdade todos os camaradas grevistas culminários, que se encontravam no governo civil.

Na próxima semana devem ser afixados mais camaradas jovens sindicalistas.

Receberam esta comissão dos camaradas da Juventude Sindicalista de Beja a quantia de 6800 como auxílio aos presos por questões sociais, produto de uma quete ali tirada na sessão de 18 de Novembro corrente.

Do camarada João Gonçalves Pires, 330; da U. S. O. de Orlhão, 420 e um achado 505.

Diligência esta comissão que se efectivou o mais rapidamente possível os julgamentos dos restantes presos por questões sociais, mas parece que devido à interferência da burguesia se estão retardando. E' preciso, senhores governantes, mais um boato de umidade para entregar ao tribunal militar, a não ser que haja o propósito desses camaradas apodrecerem dentro das masmorras desta liberal republica!

¿Quando haverá um pouco de atenção por este estado de coisas?

De novo se solicita da classe trabalhadora que se não esqueça do auxílio a prestar aos camaradas presos a fim de lhes atenuar a sua aflição situação.

Das 20 às 21 horas encontra-se um delegado desta comissão na sede da U. S. O. a fim de receber donativos.

Os gregos expulsam 200.000 turcos

LONDRES, 18. — Participa a agência permanente do congresso turco de Lausanne que foram expulsos de Smirna pelos gregos cerca de 200.000 turcos. Os soldados gregos exercem a mais odiosa tirania sobre esta provincia, e os súbditos italianos, franceses, ingleses e americanos que residem na cidade são contrários ao projecto de que esta passe à dominação helenica. — *Rádio*.

Seguros sociais

O conselho de administração do Instituto de Seguros Sociais, resolveu propor a nomeação de uma comissão para em primeira a propaganda dos seguros sociais nos meios militares, pelo cartaz, por conferências e palestras; aprovou a proposta da comissão de seguros sociais para a comissão municipal de Alfaro Delgado, e Diniz José da Silva para respectivamente desempenharem os cargos de secretário e oficial do Tribunal de Desamortização do Trabalho da cidade e tratou de vários assuntos de expediente interno, deliberando intensificar a constituição das mutualidades obrigatórias de seguros sociais.

PURGAÇÕES

Garanto-lhe a cura e nunca mais aparecem. — Frasco, 1500.

Preparado sério e inofensivo. Rua do Arsenal, 98

Matinée social

Promovida por um grupo de velhos militantes e em favor do Grupo de Propaganda Social, realiza-se hoje, nas vastas salas da Federação da Construção Civil, uma magnífica festa, cujo produto, que será por auxílio voluntário, reverta a favor da propaganda. O espectáculo terá início às 10 horas e nele tomará parte o grupo musical da Construção Civil, um acto de Jolies-bergers por um grupo de jovens sindicalistas, variações de fadinhos pelo conhecido guitarrista Armandinho, e um concerto de fados sociais em que haverá uma quadra que será glosada a prêmio pelos mais conhecidos e ultores da poesia nacional.

Guarda republicano agressor

No dia 20 do corrente, o sr. António Nunes Ferreira, rua dos Cordeiros, n.º 6-2.º, comerciante em pescarias, dirigiu-se num automóvel de Cezimbra para Lisboa, na companhia de José António da Fonseca, Manuel dos Santos, Manuel Maria dos Santos e Constante Marçal. Quando iam entre Cezimbra e Santana, saiu-lhes à frente uma ronda da guarda republicana, constituída pelos soldados 10 e 185 da 4.ª companhia do batalhão, estando o primeiro num evidente estado de embriaguez. Depois de exigirem a carta de chaffeur a este, carta que não lhe entregaram, o n.º 10 tratou brutalmente os passageiros do automóvel, ferindo um deles e demonstrando tais propósitos agressivos, que estes lhe suplicaram que não os matasse, porque o viam na disposição de fazer fogo. As vítimas do selvático guarda apresentaram queixa destes factos no comando geral da guarda republicana.

E é a uma corporação que tem indivíduos desta força, que está entregue a segurança pública...

Sociedade Filarmónica União Chelense

E' hoje que nesta sociedade se realiza o bado aos pobres da freguezia, bado custeado por parte da receita do arraial de Chelas, que esta sociedade este ano realizou.

A festa, que deve revestir certa solenidade, tem o seguinte programa: Bodo das 13 às 14 horas, abrilhantado pela banda da sociedade, que em seguida efectuará um concerto musical das 16 às 20 horas.

A's 21 horas sarau dançante, abrilhantado pela mesma banda.

O bodo é distribuído a 100 pobres da freguezia.

Vadios da classe baixa

Respondam ontem no governo civil, acusados de vadiagem, Artur Ferreira, de 19 anos, Pedro Cohen, de 16 anos, de Lisboa; Manuel Joaquim Pereira, da Guarda, e Adolfo Abreu, de 24 anos, de Coimbra, sendo todos absolvidos.

As 8 horas de trabalho

Na provincia

NO BOMBARRAL

Inconsciência dum grupo de operários

BOMBARRAL, 18. — Uma comissão de operários, quando da publicação da lei das oito horas de trabalho, tentou fazer uma reunião operária para que a referida lei fosse cumprida. Para esse efeito mandou imprimir uns manifestos convidando todos os operários a assistir a essa reunião. Nesse dia andou um outro grupo de operários percorrendo as ruas da vila, incitando o operariado a não comparecer na dita reunião, alhinhando de boquevistas os que a ela assistissem.

Simplemente lastimável um tal estreito critério!

EM VENDAS NOVAS

Ainda a exploração da fábrica das latas de Viegas Dias & C.º

VENDAS NOVAS, 20. — Continua ainda latente a questão entre a fábrica das latas e a União dos Sindicatos desta localidade, não tendo ainda sido readmitido o pessoal que foi despedido pelo *grandíssimo crime* de reclamar o cumprimento das 8 horas de trabalho.

Dizem aqueles senhores que quando as mulheres reclamaram, já tinham elas ideia de lhes dar o referido horário. Mas que remédio tinham, pois se é hoje uma lei! A prova de que queriam que elas trabalhassem 10 horas está no seguinte: quando mandaram a casa das operárias despedidas a importância de um dia de trabalho, que tinham (dia em que reclamaram as 8 horas) roubaram as ditas operárias a importância de 2 horas, isto é, despediram-nas, insultaram e roubaram-nas, porque a do horário, em parte algum a diminuição no salário.

Para apreciar vários assuntos, reuniu a U. S. O., de cuja expediente fazia parte um officio da Associação dos Operários Soldadores de Setúbal, no qual era comunicada a tabela de preços do pessoal das fábricas de igual mister daquela localidade.

Vêde o lindo contraste: Preços de Setúbal — Soldagem de tiras, empreitada, a 150 réis o cento e, sendo de jornal, bem como outros trabalhos mais violentos, de 2500 a 3000 réis por dia (8 horas) e mulheres a 100 réis a hora em serviços mais leves.

Preços de Vendas Novas — Rapazes, soldagem e vários serviços, 300, 350, 400, 450, 500 réis por dia, mulheres em máquinas que pertenciam a homens, e mais serviços 550 e 600 réis (8 horas); horas suplementares: 50 a 60 réis.

Eis a grande exploração e as razões que nos levam a protestar contra a fábrica das latas desta localidade, só não nos reconhecendo a razão, o sr. Abardeiro. Grande e outra pessoa que no dia da questão lá foi meter as filhas, quando lá estava a Guarda Republicana, quando devia, pelo contrário, ir arrancá-las cá para fora... para ninguém mais lá entrar enquanto não fosse feita justiça dentro daquela fábrica.

MÚSICA

Orquestra Sinfónica de Lisboa

Realiza-se hoje, no teatro Politeama, o 2.º concerto de assinatura da Orquestra Sinfónica de Lisboa, sob a direcção do maestro Viana da Mota.

O programa é o seguinte:

Concerto no Nacional

Na próxima semana há, no Nacional, um concerto sinfónico, único em que serão executadas, exclusivamente, composições portuguesas, da autoria do novel e distinto maestro José Cordeiro, que dirigirá a orquestra, composta de 80 professores.

Os que roubam fora da lei

Quisaram-se a polícia: Gertrudes Magna de Jesus, rua do Arsenal, 84-1.º, de que lhe furtaram a quantia de 12000; de Antonio Milheiro, Quinta de Santa Ana, a Telheiras, de que um empregado se ausentou com um carro e a muiar; Antonio Bensabat Lopes Valente, Avenida 5 de Outubro, 18, 2.º, de que uma criada se ausentou com vários objectos e dinheiro, no valor de 10000; Eriberto da Conceição Lourenço, Avenida Almirante Reis, 85-rc, de que furtaram da sua residência vários objectos no valor de 20000.

Quem achou?

O operário mecânico em madeira, Joaquim da Silva, morador na rua Pedro Dias, n.º 30, 2.º, perdeu uma bola de criança na calçada do Combro, agradecendo a quem a entregue neste jornal.

O DEPURATIVO DIAS AMADO

Cuidado, muito cuidado!

Nada há mais triste do que um desgraçado doente, muitas vezes, além de gastar o que não pode, fazer um tratamento errado por na sua boa fé ser iludido por qualquer habilidoso que só o deseja explorar.

Infelizmente, temos tido conhecimento de casos, que por esta circunstância são verdadeiramente desumanos. O verdadeiro específico deste nome, o único que está registado em todos os países da *Convenção Internacional de Marcos*, é preparação de António Dias Amado, que radicalmente cura a sífilis, as doenças do útero e ovários, as chagas, varizes, lepra, tuberculose óssea, reumatismo, as úlceras ou fistulas, os tumores, as doenças de pele, grande variedade de doenças nos olhos e demais causas pela impureza do sangue.

Depósito geral — Casa do autor — Farmácia Luso-Brasileira, Praça de S. Paulo, 20, 21 e 22 (esquina da rua Nova do Carvalho) — Lisboa. — Telef. 1667.

Porto — Farmácia Almeida Cunha, á rua Formosa, 327.

Quem achou?

O operário mecânico em madeira, Joaquim da Silva, morador na rua Pedro Dias, n.º 30, 2.º, perdeu uma bola de criança na calçada do Combro, agradecendo a quem a entregue neste jornal.

O DEPURATIVO DIAS AMADO

Cuidado, muito cuidado!

Nada há mais triste do que um desgraçado doente, muitas vezes, além de gastar o que não pode, fazer um tratamento errado por na sua boa fé ser iludido por qualquer habilidoso que só o deseja explorar.

Infelizmente, temos tido conhecimento de casos, que por esta circunstância são verdadeiramente desumanos. O verdadeiro específico deste nome, o único que está registado em todos os países da *Convenção Internacional de Marcos*, é preparação de António Dias Amado, que radicalmente cura a sífilis, as doenças do útero e ovários, as chagas, varizes, lepra, tuberculose óssea, reumatismo, as úlceras ou fistulas, os tumores, as doenças de pele, grande variedade de doenças nos olhos e demais causas pela impureza do sangue.

Depósito geral — Casa do autor — Farmácia Luso-Brasileira, Praça de S. Paulo, 20, 21 e 22 (esquina da rua Nova do Carvalho) — Lisboa. — Telef. 1667.

Porto — Farmácia Almeida Cunha, á rua Formosa, 327.

M.º 268 de A BATALHA Folhetim N.º 5

Terra Livre

ROMANCE COMUNISTA

POR

JEAN GRAVE

V

Deixemos vir os espiões; cedamos-lhe a praça e, apesar de estarmos debaixo dos olhos do comandante, proponho que, com aspecto indiferente e fingindo que passamos, nos dirijamos em pequenos grupos ou individualmente para o bosque que se vê ali em baixo — e com o dedo indicou, na parte oposta ao campo oficial, uma pequena colina que ocupava a metade em que se encontravam os deportados.

— Para que os vigilantes de nada suspeitem — continuou — convém-nos não ir directamente, mas sim por rodeios; alguns até atravessaram o campo oficial. Os que tomarem em caminho levarão as mulheres e as crianças com eles; isso distrairá mais as atenções. Será bom que fiquem alguns aqui, para entreter os espiões e impedir que nos sigam.

— Boa ideia — disse Forgeot — se alguns companheiros me querem acompanhar eu me encarregarei de os entreter.

A redenção dispersou-se lentamente. Quando chegou o grupo de vigilantes, apenas estavam sobre a metade das dezenas de deportados, homens e mulheres, ocupados num jogo de agilidade e destreza que os parecia divertir grandemente.

— Como é isto? — disse o chefe dos vigilantes dirigindo-se a Forgeot, que acabava de passar a correr deante dele. — Onde estão os vossos companheiros, que há poucos minutos estavam aqui todos?

— Sei lá! — disse Forgeot, saltando para o lado, para não ser colhido pela sua companheira de jogo que corria atrás dele — Aproveitem o bom tempo; passem!

E afastou-se rapidamente naquele momento!

Chegou correndo a jogadora, dando um tal encontro ao vigilante que por um pouco não o derrubava. Era uma linda morena, de uns trinta anos, chamada Melania, sendo mulher de um deportado chamado Barthomén.

— Vamos! — disse o vigilante — não estamos para jogos. Melhor seria que os vossos companheiros e vós mesmos se dispusessem a obedecer ao comandante.

Os deportados agruparam-se em volta dos vigilantes.

— Já estamos dispostos — disse um dos deportados com o acento e a pronúncia própria dos bairros populares de Paris — Hoje temos o dia livre e

queremo-nos divertir, para mais que a situação não é muito alegre.

— Precisamente porque é pouco alegre é necessário trabalhar para sairmos dela.

— Bah! Aí está o comandante para nos salvar a todos! — disse Melania.

— Quanto a isso tem razão esta moça — disse com galanteria o vigilante em chefe — o comandante parece-me um homem de grande cabeça, capaz de nos tirar deste mau pano. Eu estou persuadido de que encontrará meio de pôr a *Aretusa* em estado de servir e voltarmos à Europa sem ser necessário auxílio de outro barco. Tenho o por um daqueles que ouvem crescer a herva.

E a conversa travou-se amistosamente entre vigilantes e deportados.

Quando os conspiradores voltaram ao seu acampamento, os vigilantes, olhando para o campo militar durante muito tempo, de nada de suspeito de arma, encarregando Forgeot e os seus companheiros de a todos participarem que voltariam antes de anoitecer, afim de se formarem os grupos ordenados pelo comandante.

VI

Quando, antes de anoitecer, voltaram os vigilantes para formar os grupos, os deportados deixaram-nos à vontade, fingindo prestar-se àquela divisão; aceitaram também a designação de alguns dos seus como chefe de cada grupo e, chegada a hora do repouso, cada qual se retirou para os albergues provisórios

que se tinham construído e o acampamento parecia entregue à mais perfeita calma. Porém, à meia noite, apareceram sombras que deslizavam cautelosa e silenciosamente. Saíram da cabana maior, que albergava um grupo grande e foram-se acercando-se das choças mais próximas, despertando os dorminhocos. Pouco a pouco, sem ruído e sem luz, a multidão dos deportados estava reunida. Entre eles havia umas vinte mulheres.

— Companheiros — murmurou Berthaut em voz baixa, mas insinuante — antes de nos pormos em marcha, asseguremo-nos de que cada um sabe o que tem a fazer. Vejamos: Sanduy, estás seguro do teu sargento?

— Sim — respondeu o interrogado — ele é que comanda a guarda situada à entrada do acampamento e conto com dois dos seus soldados. Como lhe cabia a guarda desta noite, arranhou a couca de forma a levá-lo consigo, tencionando pô-lo de sentinela nos depósitos de armas, o que nos permitirá apoderarmos deles sem dificuldade.

— Bem; teremos as espingardas, mas as munições? temos que nos apoderarmos delas antes que a nossa invasão seja conhecida.

— Com alguns companheiros, dissimuladamente, inspecionamos o alojamento dos marinheiros — disse Forgeot — Nada mais fácil que uma dezena de nossos deixarmos por diferentes sítios e deitar mão às cartucheiras mais próximas. Já sabemos onde as temos.

— Perfeitamente. Só falta dar sinal ao sargento de Landey. Onde é que o encontras?

— Perto das árvores que há adiante do acampamento.

— Quantos soldados tem a guarda?

— Uns vinte.

— Serão suficientes trinta dos nossos?

— Sim.

— Pois adiante. Já sabeis o que nos espera se formos surpreendidos em vez de surpreender os outros. O comandante mandará fusilar alguns, para ensinamento, e ordenará que apertem os grilhões aos restantes. Por conseguinte, é uma questão de vida ou de morte. Ao que resistir, pior para ele, mas se podermos lançar mão das armas sem violência e sem vítimas, será melhor.

Um murmúrio apagado de aprovação percorreu o grupo.

— Adeante! Desçam em pequenos grupos, ocultando-nos o mais possível e que cada um se dirija rapidamente para o sítio que se lhe tenha designado, para estar disposto a trabalhar quando veja elevar-se o archoote que Semaire acenderá oportunamente. É preciso observar que não há mais que um archoote, de que me apoderei quando abandonamos o barco, sem saber para que serviria, e, como é preciso prever tudo, se ele falhar, Semaire acenderá um grande fogo que será visível em todas as partes. Em todo o caso, sempre se produzirá algum ruído que servirá de aviso aos que não virem o sinal e quando isto suceda, os que se encontrem nesse caso irão adiante. Agora, em marcha!

E deslizando entre os matagais, amortecendo as passadas, os deportados dirigiram-se por vários caminhos, para o

acampamento, onde tudo parecia dormir.

Por fim, às duas da madrugada, um archoote se elevou lentamente da metade ocupada pelos deportados. A este sinal, saíram todos dos seus esconderijos e precipitaram-se para os depósitos, apoderando-se das espingardas e recuando para se agruparem. Ao mesmo tempo, Forgeot e os seus amigos apoderaram-se de quantas cartucheiras encontraram à mão, correndo a juntar-se aos seus companheiros. Mas estes movimentos não se operaram com tanta rapidez que não suscitasse alarme. Com efeito, uma sentinela, vendo movimentos suspeitos, disparou a sua espingarda.

Rapidamente se levantou um grande rumor: os homens, surpreendidos no sono, chocavam uns com os outros na sombra, atorcavam-se perguntas, iam e vinham atordoados sem se explicar o que ocorria. Apareceram algumas luzes e prontamente as vozes dos oficiais dominaram o tumulto.

— Que sucede? — perguntavam.

— Roubaram-nos as espingardas! — exclamaram algumas vozes.

— E os nossos cinturões! — ajuntaram outras.

Naquele momento o grupo dos oficiais estava completamente iluminado pelos que traziam archootes. Estavam agitados, sacudindo os homens que lhes vinham às mãos, enquanto que os deportados permaneciam na obscuridade.

— Como! tiraram-vos as espingardas? — exclamou o comandante. — Como foi isso? Não se tomaram as medidas de vigilância que tinha determinado?

— Sim, meu comandante — respondeu um oficial. — Eu mesmo dispus a minha.

— Amanhã veremos — disse o comandante, cuja voz tremia de cólera. — Agora urge recuperar as armas perdidas. Os deportados deram o golpe. Eles!

— É inútil, meu comandante! — disse a voz chocante de Berthaut, que apareceu no círculo de luz que projectavam os archootes em volta do comandante — e previno-o que se o senhor os seus homens dão um passo uma de carga das nossas espingardas os fusilamos por terra.

— Apoderem-se desse homem! — gritou vivamente o comandante.

Ninguém se moveu. Um grupo de deportados rodeava Berthaut com espingardas preparadas. Detrás, em meio na penumbra da madrugada, via-se a massa dos deportados destacando lentamente da obscuridade em que se encontrava envolta, pondo em batido o único canhão que se havia desembarcado e que estava em seu poder.

O comandante puxou do revólver e elevou o braço na direcção de Berthaut.

— Deite fora esse revólver, senhor! disse este — ou os meus companheiros disparam.

(Continua.)

"Garantia"

Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres

FUNDADA EM 1853

SÉDE NO PORTO: RUA FERREIRA BORGES

(Edifício próprio)

Capital 1.000 CONTOS

(Um milhão de escudos)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1918: 6.579.529\$26,6

Dividendo distribuído, idem, idem: 1.394.000\$00

Effectua seguros contra riscos de fogo, industriais, lucros cessantes, aluguéis de prédios, greves e tumultos (só em prédios e mobílias), agrícolas, automóveis, riscos marítimos e riscos de guerra.

Agentes em Lisboa

José Henriques Totta & C.ª

BANQUEIROS

69 a 79, Rua Aurea, 69 a 79

Telefone 533 e 1589 Central

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa



ESPECIALIDADE EM CHAPÉUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco do Arco do Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

LIMA NETO, MOURA & C.ª

Compra e venda de títulos nacionais e estrangeiros

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106

Esquina da rua dos Sapateiros, 1 e 3

TELEFONE 3844

TELEGRAMAS — "IMAN"



Aos Marceneiros

CHEGOU nova remessa de folha

Nogueira Mogno Pau Santo Sicó-mór Olho de Perdiz Carvalho

Madeiras serradas em todas as grossuras, por ter máquina de folha. Sempre em depósito madeiras serradas de todas as qualidades. Estância de madeiras — Largo dos Inglesinhos — Sabino da Silva.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

EXPLORAÇÃO

Concurso para a exploração dos bufetes das estações de Setúbal, Alentejo, Aveiro, Torres das Vargens, Portalegre, Elvas, Castelo Branco, Torres das Vargens, Caldas da Rainha, Leiria e Amieira

Até ao dia 5 de Dezembro próximo futuro, às 15 horas, receberá esta Companhia a Direcção Geral, em Lisboa-Santa Apolónia, em carta fechada, propostas para a concessão e exploração dos bufetes acima indicados, durante o ano de 1920, devendo as mesmas ser endereçadas à Direcção Geral e com a designação exterior de:

Proposta para a exploração do bufete da estação de...

As condições da exploração e que são cedidos os referidos bufetes encontram-se patentes nas respectivas estações e em Santa Apolónia, na Divisão da Exploração.

Lisboa, 13 de Novembro de 1919.

O director geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

AVISO AO PUBLICO

Encontrando-se os caixas da estação de Lisboa-Caldas da Rainha completamente cheios de mercadorias, devido não só a grande afluência de tráfego para aquela estação mas também à morosidade com que alguns consignatários estão retirando as suas remessas, vê-se esta Companhia forçada no intuito de descongestionar a mesma estação, a suspender durante os dias 17 a 22 do corrente, ambos inclusive, o serviço de expedição de remessas com destino a Lisboa. Caixas dos Soldados, quer em grande quer em pequena velocidade, tanto das estações de Beira Alta e Vale do Vouga.

Lisboa, 15 de Novembro de 1919.

O Director Geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

AMBRINA

Para queimaduras, frieiras, acidentes de trabalho, como golpes, contusões, etc.

A venda em todas as farmácias

Agentes gerais: CALDAS, Lda

T. REMOLARES, 30, 2.º

638

Bairros Sociais

Na Secretaria do Conselho de Administração da Construção dos Bairros Sociais, na Rua do Arco do Cego, 54-1.º, recebem-se até ao dia 26 do corrente, das 11 às 17 horas, preços para fornecimentos de ferragens, drogas, artigos de escritório e outros constantes das relações que na aludida Secretaria estão patentes.

O Secretário do Conselho

(a) João Pereira

COMPANHIA DE SEGUROS A NACIONAL

Séde na sua propriedade

Avenida da Liberdade, 14, Lisboa

Rua da na 14-40-6-8-10-12-14-16-18-20-22-24-26-28-30-32-34-36-38-40-42-44-46-48-50-52-54-56-58-60-62-64-66-68-70-72-74-76-78-80-82-84-86-88-90-92-94-96-98-100



Seguros sobre a vida humana

E CONTRA

Acidentes no trabalho, incêndios, roubo e riscos de transporte

91

Reumatismo

Seja fide de que qualidade for e antigo que seja, a sua cura é certíssima e em poucos dias sentindo-se prontos alívios logo em seguida às primeiras vezes que se usar. Cada tubo 1\$50, pelo correio mais \$20. Vende-se na travessa da Oliveira, 21, r/c. D. (ao Largo da Estrela) (631)

NOTAS & COMENTÁRIOS

por PERFEITO DE CARVALHO

Recebem-se pedidos na administração da Batalha.

(67)



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e de uma solidez capaz de resistir a todos os vaiares.

CHAPLARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS S. A. R. L.

CAPITAL, 500.000\$00

RESERVAS: 405.402\$76,75

Séde — RUA GARRET, 95

Agências, serviços médicos e farmacêuticos organizados em todos os pontos do País.

A MUNDIAL foi a primeira Companhia Portuguesa autorizada a explorar o seguro de Acidentes de Trabalho.

OURIVESARIA

A REALIDADE

OURO E JOIAS

Compra e vende por melhor

preço

OURIVESARIA

A Realidade

44, Rua Eugénio dos Santos

(Antiga Rua de Santo Antão)

634

TUBO

de chumbo novo para

Água e Gás.

Tubo de ferro fundido para algerozes de 4".

Zinco em barra para galvanização de cavilhas.

Aço francês especial para minas 1" 1/4 oitavado.

Rodas Decauville novas.

Prancheta de ferro 1" x 3 1/2.

Meia cana 1" 1/2 x 1/2.

Folhas novas de molas.

Vergalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado.

Ferroagem diversa para navios.

Paus de carga.

Um motor a gaz pobre completo Steepport 30 HP.

Serra circular com mesa de ferro.

Uma ventoinha 7" x 3 1/2.

Duas enfardadeiras para palha.

Uma enfardadeira para cortiça.

Madeira para calças de exportação.

Vende: A. B. dos Reis.

Caixas do Sodrê, n.º 52.

Tel: C. 4317.

As valentes e PERAS

Para a rapaziada

Mais de dez mil pares de botas

Botas brancas as Valentes para a rapaziada a 7\$500, 9\$250 e 9\$750.

Botas pretas ou de cor a 6\$750, 8\$750, 9\$750.

Botas pretas de vitela americana a 10\$500, 12\$500, 13\$500 e 15\$500.

Sapatos em pelica para senhora a 6\$750, 7\$500 e 8\$500.

Sapatos em pelica-verniz para senhora a 11\$500, 12\$500 e 14\$500.

Grande variedade de calçado de luxo para senhora, homem e criança

Venham vêr as Valentes

Manda-se calçado para a Província contra reembolso

Fornecedor dos empregados dos Caminhos de ferro Portuguezes e do Sul e Sueste e Cooperativa dos empregados do "Diário de Notícias".

Sapataria de S. Roque

LARGO DE S. ROQUE, 16, 17

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

O inverno chega!!

e também tem chegado vários artigos que formam o completo sortido da

(634)

"Parisiense"

Chapéus, gravatas, bengalas, camisas, paletós, de malha de lã e algodão, guardas-chuvas para homem e senhora, e um enorme stock de galochas para homem, senhora e criança, recebido dos principais centros comerciais. Recomenda-se uma visita a este estabelecimento não só para verificar a variedade do que se expõe, como também pela forma escrupulosa como são feitos as transações e a modicidade de preços.

60, Rua Nova do Almada, 62

124, Rua de São Nicolau, 128

TELEFONE-C. 715

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

634

63